

## A SEMELHANÇA ENTRE AS OBRAS DE GUIMARÃES ROSA E EUGÊNIA SERENO

**Giliard Alves da Silva, Orientadores: José Aparecido Siqueira<sup>1</sup> e Anézio Claudio Bernardes<sup>2</sup>**

UNIVAP - Universidade do Vale do Paraíba, FEA - Faculdade de Educação e Artes, Rua Tertuliano Delphin Filho, nº. 181, Campus Aquáriu, e-mails: [giliardalves12@hotmail.com](mailto:giliardalves12@hotmail.com), [jsiqueira@univap.br](mailto:jsiqueira@univap.br), [acb@univap.br](mailto:acb@univap.br)

**Resumo-** Este trabalho pretende analisar a semelhança entre as obras de Guimarães Rosa e Eugênia Sereno, considerando, respectivamente, as suas obras *Sagarana* e *O Pássaro da Escuridão*. O objetivo é aprofundar o conhecimento a respeito desses autores, e buscar o reconhecimento literário e feminino da autora citada, e, concomitantemente, contribuir com a leitura, a análise e a semelhança entre os romances regionalistas. Constitui-se de uma pesquisa realizada em acervos de bibliotecas, e em sites da Internet. Construiu-se o embasamento teórico a partir dos pressupostos de Alves (1990), Biderman (2001), e Ravanelli (2010), dentre outros autores. Os resultados apontam que há semelhanças entre as referidas obras e que elas ocorrem, principalmente, por intermédio de neologismos.

**Palavras-chave:** Neologismo; literatura; obras literárias; e regionalismo

**Área do Conhecimento:** LINGUÍSTICA LETRAS E ARTES – (Letras)

### Introdução

Este trabalho pretende analisar as semelhanças entre as obras de *Guimarães Rosa* e de *Eugênia Sereno*, e justifica-se, uma vez que, em suas obras, há neologismos que se apresentam na língua falada e escrita, formal e informal, encontrados em diversos veículos de comunicação, tais como televisão, jornal, revista, rádio, propaganda, música e literatura.

A hipótese construída para a realização desta pesquisa é que há semelhanças entre as obras de Guimarães Rosa e de Eugênia Sereno, se comparadas, a partir dos neologismos nelas existentes.

Construiu-se o embasamento teórico, para a realização desta pesquisa, a partir dos pressupostos de Alves (1990), Biderman (2001), e Ravanelli (2010), dentre outros autores.

Esta pesquisa tem como objetivos verificar, na literatura contemporânea, os pressupostos dos autores que escreveram sobre neologismos; e verificar, também, as semelhanças que há nos textos de Guimarães Rosa e de Eugênia Sereno, respectivamente, *Sagarana* e *Pássaro da Escuridão*, ao se considerar os neologismos existentes nessas obras.

### Metodologia

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, a partir de acervos de bibliotecas, e de websites, a fim de se construir conhecimentos que permitissem analisar os textos de Guimarães Rosa e de Eugênia Sereno, respectivamente, *Sagarana* e *Pássaro da Escuridão*, ao se considerar os neologismos existentes nessas suas obras.

### Resultado

O termo neologismo pertence à família morfológica neo (novo), do Grego (Νέος), pelo Latim novus, novum, e do Sânscrito Návah, ou seja, neologismo é um fenômeno linguístico que consiste na criação de uma palavra ou expressão nova, ou atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente, e pode ser, também, um comportamento espontâneo de cada pessoa e de sua linguagem, ou algo artificial, para fins pejorativos ou não.

O neologismo caracteriza-se como um processo de criação lexical denominado neologia.

Para Alves (1990, p. 5), “o elemento resultante, a nova palavra, é denominado neologismo”. Conforme Biderman (2001, p. 203), “o neologismo é uma criação vocabular nova, incorporada à língua”. Já, Ferreira (2001, p. 484) considera o neologismo como uma “palavra ou expressão

nova, ou antiga com sentido novo”; Segundo Michaelis (2000, p.428), “palavra criada na própria língua ou adaptada de outra”; e Houaiss e Villar (2003, p. 366) o apontam como “uso de palavras novas, derivadas de outras já existentes”.

O neologismo surgiu no início do século XX, por intermédio das obras Ulisses (1922) e Finnegans Wake (1939), de autoria de James Augustine Aloysius Joyce.

Há três tipos de neologismos: o fonológico; o sintático; e o semântico.

Biderman (2001, p. 87) afirma que a fonologia e a morfologia são úteis para nos ajudar a reconhecer segmentos fonicamente coesos e gramaticalmente pertinentes, enquanto formas funcionais, mas que, no entanto, só a dimensão semântica é capaz de nos fornecer a chave decisiva para identificar a unidade léxica.

A neologia fonológica é o resultado da criação de um vocábulo cujo significante seja totalmente inédito, ou seja, é criado sem base em nenhuma palavra já existente. É um fato raríssimo em todas as línguas.

Ex.: Os Jogadores *bebemoravam* o título conquistado.

A neologia sintática é o acordo entre elementos que já existem na língua e esse acordo pode ser feito tanto no âmbito lexical quanto também em nível frástico. (ao acrescentar o prefixo ou sufixo pode ser alterada a classe gramatical da palavra). O neologismo sintático pode ser classificado, principalmente, em: 1. Derivação; e 2. Composição. Como, por exemplo:

1. Ex.: As *andanças* dos retirantes eram inevitáveis.
2. Ex.: Durante o jogo o menino recebeu um *pontapé*.

Segundo Alves, (1990, p. 62), o neologismo semântico mais usual ocorre quando se verifica uma mudança no conjunto dos semas referentes a uma unidade léxica. Por meio dos processos estilísticos: 1. Da metáfora; 2. Da metonímia; e 3. Da sinédoque. Sendo assim, vários significados podem ser atribuídos a uma base formal, que a transformam em novos itens lexicais, como, por exemplo:

1. Ex.: Você fala pelos *cotovelos*.
2. Ex.: Ser o *Cristo* da turma.
2. Ex.: Nunca tive um *teto* para me abrigar.

Em relação à Sagarana, este título é formado por um hibridismo “Saga” radical de origem Germânica que significa “canto heróico”, “lenda”; e “rana”, palavra de origem tupi que significa “que

exprime semelhança”. Dessa junção, tem-se: à maneira de saga.

Em Sagarana, observam-se neologismos criados, principalmente, por:

- Derivação prefixal:

— Cerca o mestiço da Uberaba. Topa, Tote!... Eh bicho bronco... Chifre torto, orelhudo, *desinquieta* e de tundá! (p. 22)

- Derivação sufixal:

Porém, cá fora, *vaqueirama* começava o corre-corre, pega-pega, arreia-arreia, aos gritos benditos de confusão. (p. 11)

- Derivação parassintética:

— *Avoamento*, seô Major, sem ser por mal. Êle tinha pressa, decerto e se acanhou de falar com o senhor a respeito. (p. 42)

- Composição por aglutinação ou aglutinada:

— Sim senhor, seô Major. Eu sei que o senhor está se rindo é por saúde sua, não é por debochar de mim... E o burrinho, também se ele tivesse morrido *transanteontem*, não estava fazendo falta a ninguém! (p. 33)

- Composição por justaposição

Bem que *Sete-de-Ouros* se inventa, sempre no seu. Não a praça larga do claro, nem o cavouco do sono: só um remanso, pouso de pausa, com as pestanas meando os olhos, o mundo de fora feito um sossêgo, coado na *quase-sombra*, e de dentro, funda certeza viva, subida de raiz. (p. 33)

- Onomatopéia:

A boiada entra no beco — *Tchou! Tchou! Tchou!*... — ‘Coitado, Leofredo?’... — ‘Falta nenhum!’ — ‘Ôi, gente, corta aquele golpe, Badúl!’ (p. 46)

Há, também, na obra “O Pássaro da Escuridão”, de Sereno, neologismos criados, principalmente, por:

- Derivação prefixal:

Com piriri num baú cheio de besouros, sem nenhum respeito pelo sino, dobrando, dobrando sobre o poeirão no funeral do *infeliz* do Zé-Formoso. (p. 125)

- Derivação sufixal:

— Ai, meu Deus! As raparigas de juízo verde! Ô estopada! Ô diacho! O que falar! Quer então dizer que ela emprenhou! Já não está intacta? Bom é que eu saiba!

E já anda *desejosa*? Emprenhou mesmo? Então se meteu é nua brenha! (p. 31)

- Derivação parassintética:

Só ele, o solfugo pássaro circunspecto. Hóspede da escuridão, lá está, vigilantemente a espiar à luz do plenilúnio, *tresnoitando* com seu pio ominoso a solidão, onde transita a tristeza. (p. 9)

- Composição aglutinada:

Não irá a flamante espada irosa, vingadora das iniquidades, sobre cruzar como um aviso ígneo aqueles picos, porfirizar num *santiámem* entre raios iracundos e por meio de uma multidão de coriscos o lugareijinho horripilado? (p. 17).

- Composição por justaposição:

Seja por culpa do cinema, seja por outro motivo, que não vem ao caso, verdade é que este cafundó do Judas, chamado *Mororó-Mirim*, vai que vai de mal a pior, mesmo que muitas dessas povoadas por aí espalhadas no velho mundo de Jesus Cristo Nosso Senhor. (p. 7)

- Onomatopeia: “— Aú! Aú! Eeixe! Eeixe!”

- Recursos fonológicos: “— Xi! Xinhô num xabe que acontexeu? Xi, meu Xão Xipião!”. (p. 152)

## Discussão

A língua, é o espelho da cultura, reflete uma busca frenética de novidades, evoluindo rapidamente, introduzindo novos termos, novas formas de comunicação e essas novas formas são os neologismos, criações “inventadas” por falantes ou por quem escreve um determinado idioma. A língua está sempre se renovando, expulsando de si elementos que por inúmeros motivos perdem força, substituindo-os por outros que poderão desaparecer também.

Os neologismos são normais em qualquer língua viva e isso só ocorre porque o ser humano possuiu a capacidade de inovar e necessita dessas mudanças e ao incorporá-lo no vocabulário ativo e incluí-lo na linguagem o homem sente-se participante do mundo, das evoluções da língua e assim que acaba esta etapa inovadora procura aprimorar-se com o estudo de novas pesquisas.

Segundo Ravanelli et al (2010), “o fim de uma etapa é um começo de outro. Dizem as escrituras: quando o homem tiver terminado, estará então no começo; (Cum consummaverit homo, tunc incipiet); Assim é a vida dos homens, assim, podemos dizer a das palavras”.

O latim nos deixou uma herança vocabular muito rica, mas que não foi o suficiente para suprir as necessidades de expressão social, por isso foi necessário recorrer aos empréstimos de outras línguas e aos processos de formação de palavras. Este processo de derivação foi sempre o mais

fecundo no enriquecimento vocabular e, por isso, o mais usado.

A leitura de Joyce influenciou o escritor brasileiro, João Guimarães Rosa, que tinha horror à linguagem cotidiana que, segundo ele, estava desgastada pelo uso, que só expressava clichês e não as ideias. Então, a única solução era inventar. Para este autor, “cada autor deve criar seu próprio léxico, do contrário não pode cumprir sua missão”.

E, para criar sua obra, o autor pesquisou os hábitos da fala dos sertanejos de Minas Gerais, e, também, o português antigo e várias outras línguas e, com base num conhecimento linguístico extraordinário, Rosa foi inovador ao lançar um novo estilo literário marcado pela criatividade lexical. São características encontradas também em Eugênia.

## Conclusão

Com esta pesquisa espera-se valorizar, divulgar e incentivar a leitura de “O Pássaro da Escuridão”, além de destacar seu ponto relevante pode gerar proveitosas discussões em sala de aula e ressaltar a importância de ambas as obras no cenário da literatura brasileira, já que as outras obras de Guimarães Rosa têm os seus respectivos destaques.

As criações neológicas apontadas aqui contribuem, expressivamente, para a construção do sentido das obras, renovando, dessa forma, a linguagem regional, pois não só revela uma das muitas marcas do estilo de Eugênia Sereno e de Guimarães Rosa, como também, revitaliza o acervo lexical do português.

Pode-se afirmar que a hipótese construída para a realização desta pesquisa - há semelhanças entre as obras de Guimarães Rosa e de Eugênia Sereno, se comparadas a partir dos neologismos nelas existentes -, foi comprovada.

Pode-se afirmar, também, que houve consecução dos objetivos desta pesquisa, uma vez que: verificamos, na literatura contemporânea, os pressupostos dos autores que escreveram sobre neologismos; e verificamos, também, semelhanças que há nos textos dos escritores Guimarães Rosa e de Eugênia Sereno - respectivamente, Sagarana e Pássaro da Escuridão -, ao se considerar os neologismos existentes nessas suas obras.

## Referências

### Bibliográficas:

- ALVES, Leda Maria. Neologismo. São Paulo: Ática, 1990.

- BIDERMAN, Maria. Tereza. Camargo. Teoria Linguística: Teoria Lexical e Linguística Computacional: São Paulo: Martins Fonte, 2001.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio século XXI escolar: 4 Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: objetiva, 2003.

- MICHAELIS. Minidicionário Escolar da Língua Portuguesa. 5 Ed. São Paulo: Melhoramentos, 2000.

- RAVANELLI, Antônio, et al: Estudos Diacrônicos da Língua Portuguesa. São José dos Campos/SP: Univap, 2010.

- ROSA, João Guimarães. Sagarana: 12ª Ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1970.

- SERENO, Eugênia: O Pássaro da Escuridão: Romance antigo de uma cidadezinha brasileira. 3ª Ed. Revista, refundida, completada. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília, INL, 1973.

**Website:**

[http://www.ebiografias.net/biografias/james\\_joyce.php](http://www.ebiografias.net/biografias/james_joyce.php)  
Acesso em 12 de Fevereiro; às 00h20min.